

Redemocratização, eleições e mídia impressa: a disputa eleitoral de 1985 em Florianópolis¹

Hudson Campos Neves²

Resumo: Este artigo tem por objetivo fazer uma análise sobre a maneira como os periódicos catarinenses *A Notícia* e *O Estado* cobriram a eleição municipal para prefeito, ocorrida em Florianópolis ao ano de 1985. O recorte temporal de pesquisa inicia em agosto de 1985, período no qual as candidaturas majoritárias e alianças ganham contornos mais nítidos e se concretizam, e termina na semana seguinte ao desfecho do pleito, que ocorrera em 15 de novembro do mesmo ano. Busca-se analisar estratégias narrativas utilizadas pela mídia impressa em questão, que ao cobrir o acontecimento eleições, forma posições e interfere no andamento da campanha eleitoral. Nesse sentido, procura-se perceber a política nos e dos meios de comunicação, analisando seus posicionamentos e operações discursivas acerca da construção dos perfis dos candidatos.

Palavras-chave: História Política; Mídia Impressa; Redemocratização; Eleições.

No dia 17 de novembro de 1985, um domingo, os principais jornais que circulavam na cidade de Florianópolis davam destaque para a vitória do candidato do PMDB, Edison Andrino, na eleição para prefeito de Florianópolis. O candidato peemedebista vence a disputa eleitoral pela capital catarinense, ocorrida no dia 15. Em eleição de turno único, Andrino, derrota o seu principal opositor, Francisco de Assis Filho, candidato pela AST (Aliança Social-Trabalhista), que envolvia o PDS e o PDT.

Naquele ano de 1985, as eleições diretas para prefeito de capital de estado voltavam a ocorrer. Durante o regime militar, que iniciou em 1964, mais especificamente a partir do Ato Institucional n. 3, as capitais de estado passaram a ter seus prefeitos nomeados pelo governador, com o assentimento da respectiva Assembleia Legislativa.³ Com a Constituição de 1967, passam a ter o prefeito indicado não somente municípios que eram capitais de estado, mas também aqueles considerados estâncias hidrominerais e municípios considerados área de segurança nacional. No caso das estâncias hidrominerais, o prefeito era nomeado pelo governador com a aprovação da Assembleia Legislativa e, no caso de área de segurança nacional era também nomeado pelo governador, mas com prévia aprovação do Presidente da República. Ou seja, em Santa Catarina, além de Florianópolis, em 1985, houve eleições em

¹ Este texto foi apresentado no XIV Encontro Estadual de História, organizado pela ANPUH-SC, que ocorreu durante os dias 11 e 14 de agosto de 2014, na cidade de Florianópolis.

² Graduado em História pela UDESC e atualmente mestrando no Programa de Pós-Graduação em História, pela mesma instituição. Bolsista CAPES/DS. E-mail: hudsonn.historia@gmail.com

³ Ver texto na íntegra em:

<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=3&tipo_norma=AIT&data=19660205&link=s> Acesso em 15 de março de 2014.

mais seis municípios: Descanso, Dionísio Cerqueira, Itapiranga, São José do Cedro, São Miguel do Oeste e em Guaraciaba⁴.

O estudo das mídias configura-se como um dos caminhos de renovação propostos pela história política renovada. Esta escola historiográfica surge em fins dos anos 60, com um grupo de historiadores sob a orientação de René Rémond, na França. É a partir das pesquisas deste referido grupo, que conta com a presença de outros nomes, tais como Serge Berstein, Jean-Pierre Rioux, Jean-François Sirinelli, Jean-Jacques Becker, Jean-Pierre Azéma, entre outros, que a história política teve seu prestígio restituído como parte do ofício dos historiadores. Esta escola propôs um olhar sobre o político e diversos caminhos para estudá-lo, renovando-o. A própria ideia de político aqui é percebida enquanto “domínio privilegiado de articulação do todo social” (FERREIRA, 2009, p. 7). Percebe-se que o político se relaciona com amplos setores de uma sociedade, situando-se assim, muito além da trajetória de governantes e das trocas de gabinetes, como a antiga história política, positivista, com forte influência ao longo do século XIX, apregoava.

Os caminhos para a compreensão do político, como campo de relações sociais, são variados. Sob a perspectiva da história política renovada, é possível estudar a respeito do político a partir dos partidos, eleições, discurso, guerras, biografias, opinião pública e também pela mídia. Neste caso, a construção de uma história política renovada toma a mídia como um terreno fértil e pouco explorado.

Meneses (2011), em sua tese de doutorado⁵, ao examinar a narrativa do periódico *Folha de São Paulo* às vésperas do golpe civil-militar de 1964, trabalha com duas noções importantes: a 'acontecência' e a 'representância'. Sendo a primeira a ocorrência de um determinado acontecimento, e a segunda a maneira como o acontecimento é representado pelo periódico. É através da 'representância' que ocorre a escritura de um determinado acontecimento na cena pública. Neste artigo, trabalha-se no âmbito da 'representância', a partir das páginas do periódico *A Notícia*.

Um periódico impresso, em suas representações da realidade, compartilhará muito além do que supostos fatos objetivos. O processo de seleção sobre o que será notícia ou não, é mediado por uma visão de mundo, do que é relevante ou não para se transformar em notícia. A professora Marialva Barbosa (1995, p. 85) nos ensina que,

⁴ Fonte: <<http://www.tre-sc.jus.br/site/eleicoes/eleicoes-anteriores/1985-municipal/index.html>> Acesso em: 10 de março de 2014.

⁵ Ver bibliografia.

princípios subjetivos determinam os fatos que serão notícias, como o discurso será hierarquizado, o enfoque mais adequado. Neste contexto, assumem primordial importância os interesses de natureza econômica e política a que os veículos estão submetidos.

Para analisar a atuação de *A Notícia* no referido processo eleitoral, examinou-se o periódico num recorte temporal de três meses e meio. De início do mês de agosto de 1985, até a semana posterior ao dia da eleição, que ocorrera em 15 de novembro daquele mesmo ano. As publicações eram diárias, de terça a domingo. No período pesquisado não se encontrou uma publicação sequer ocorrida numa segunda-feira. Neste sentido, a pesquisa foi realizada em cima de uma relevante série de publicações, que cobria praticamente todo o período de campanha, desde a formação das chapas e escolhas dos candidatos até o desfecho do pleito.

O periódico *A Notícia* é uma publicação da cidade catarinense de Joinville, mas com circulação em todo o Estado de Santa Catarina. Nesta série de jornais diários, atentamos para a primeira página do periódico, para a página 2, onde era publicado o editorial do mesmo, e a página 3, espaço destinado aos assuntos relacionados à política, no âmbito estadual e municipal. Importante salientar que mesmo sendo uma publicação de Joinville, o periódico dedicava espaços diários aos pleitos de outros municípios. A eleição de Florianópolis recebeu cobertura diária. Isso se deve, provavelmente, a duas razões: em primeiro lugar por que não havia eleição para prefeito em Joinville em 1985, logo havia mais espaço na página sobre política. Se houvesse eleições naquela cidade, provavelmente haveria uma atenção maior para o pleito local. Em segundo, Florianópolis, por ser a capital de Santa Catarina, é uma cidade estratégica no cálculo político. Há um interesse em acompanhar o desenrolar da disputa pela capital catarinense. O grupo político que obtivesse a vitória eleitoral nesta cidade iria administrar uma das cidades mais importantes do Estado.

A década de 80 foi de grande importância para a história política recente de nosso país. Nestes anos pudemos observar o desenrolar de um processo histórico, que foi a transição do governo militar para a democracia. Governo este que, desde o golpe que derrubara o então presidente João Goulart, em 1964, centralizava a condução do processo decisório na esfera política. O governo militar, através de uma sequência de Atos Institucionais, estabeleceu no Brasil, entre outras coisas, o sistema político bipartidário, eliminando os partidos políticos que atuavam no país desde 1945, no período de redemocratização após a Era Vargas, e, também, promoveu a suspensão do Estado de direito, com o decreto do Ato Institucional n. 5, provocando, assim, um Estado de exceção. Nos anos 70, entendeu-se que o regime começou um lento afrouxamento de seu aparato repressor, processo chamado de transição, que tem

início com uma liberalização⁶, gradualmente promovida pelo governo Geisel, sobretudo a partir de 1974.

Fundamental para esta liberalização promovida pelo governo foi a emergência da sociedade civil, que como observa Stepan, “é até mesmo mais importante entender que a característica especial da transição brasileira foi a dialética entre concessão do regime e a conquista da sociedade.” (1988, p. 16)⁷ É importante que se observe isso para desconstruir a ideia de que pelo fato de os militares conduzirem o processo político, eles governaram durante todo o período com o apoio de amplos segmentos da população. Ou seja: a partir dos anos setenta, segmentos da sociedade começam a ficar descontentes com o regime, por diversas razões. Aqui observamos um ponto que é especialmente relevante para este artigo. A partir de 1974, o processo eleitoral, até então desacreditado enquanto um caminho para mudanças, passa a ser visto enquanto uma possibilidade para, de alguma forma, se posicionar ante os militares.

O sociólogo Bolivar Lamounier, em artigo intitulado “O ‘Brasil autoritário’ revisitado: o impacto das eleições sobre a abertura” aponta que é neste momento que surge, pela via institucional, uma forte oposição ao governo. Ele se baseia, para chegar a tal conclusão, nas vitórias obtidas pelo MDB, nos grandes centros urbanos, a partir das eleições realizadas naquele ano. (1988, p. 84) A via eleitoral, de maneira crescente, ganha importância no processo político vivido no país, nas eleições seguintes à de 1974 e continuará relevante, sobretudo após o fim do Estado de Exceção. Com a intenção de dividir a oposição, que vinha se fortalecendo no processo eleitoral, em 1979, o governo envia ao Congresso uma lei que alteraria o sistema político partidário, que passaria a operar não mais de forma bipartidária, mas novamente com o multipartidarismo. Skidmore percebe que “na prática, o sistema bipartidário compulsório tendia a fortalecer a oposição, e se tornava difícil vencê-la mesmo em eleições parcialmente abertas.” (1988, p. 54).

⁶ Sobre as diferenças entre liberalização e democratização: “num quadro autoritário, ‘liberalização’ pode envolver um misto de mudanças políticas e sociais, tais como menos censura da imprensa, uma amplitude um pouco maior para a organização de atividades econômicas da classe operária, a reintrodução de algumas salvaguardas legais e individuais tais como *habeas corpus*, a libertação da maioria dos prisioneiros políticos, o retorno dos exilados políticos, possivelmente medidas para melhorar a distribuição de renda, e mais importante, a tolerância da oposição política. ‘Democratização’ inclui liberalização, mas é mais ampla e um conceito político mais específico. Democratização requer contestação aberta pelo direito de assumir o controle do governo, e isso requer por sua vez eleições livres, o resultado das quais determina quem governa. Liberalização refere-se fundamentalmente à relação entre Estado e a sociedade civil. A democratização refere-se fundamentalmente à relação entre Estado e a sociedade política. (STEPAN, 1988, p. 12-13.)

⁷ Sobre a emergência da sociedade civil nos anos 70, ver a dissertação “**A luta pela anistia no regime militar brasileiro**: a constituição da sociedade civil no país e a construção da cidadania”, de autoria de Fabiola Brigante Del Porto.

Assim, o governo planejou conservar seu partido, e dividir a oposição, visando, desta forma, obter futuras vitórias eleitorais no processo de transição. A partir de 1979, as novas legendas não poderiam usar os antigos nomes e deveriam iniciar com a palavra ‘partido’. Há um rearranjo de forças políticas em diferentes legendas. A ARENA, partido que apoiava o governo, “reagrupou-se como Partido Democrático Social (PDS), enquanto a maioria do antigo MDB, juntou-se no PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), [...]” (SKIDMORE, 1988, p. 54) Além destes dois grandes partidos, inicialmente, houve a criação de outras legendas: O PTB, o PDT, fundado por Leonel Brizola, e, segundo assinala Skidmore, “à esquerda de todos esses partidos estava o Partido dos Trabalhadores (PT), liderado por Lula” (1988, p. 54) Além destes, havia ainda o PP, Partido Popular, oposicionista conservador, que em 1981 iria se fundir com o PMDB.

As eleições municipais de 1985, para os partidos envolvidos, eram estratégicas. Era ainda um período de transição e não havia eleições diretas para Presidente da República. Discutia-se em âmbito nacional a respeito da Assembleia Constituinte, cuja eleição aconteceria em 1986. Aliás, em 1986, teríamos eleições para governadores, deputados estaduais, deputados federais e senadores. Em 1985 se debatia calorosamente se a constituinte seria congressual ou exclusiva. A maioria parlamentar optou pela constituinte congressual, na qual os senadores e os deputados federais acumulariam as funções de congressistas e constituintes. Então, como em 1985 haveria eleições para Prefeito em capitais, cidades que foram consideradas em áreas de segurança nacional e cidades com reservas hidrominerais, os partidos que obtivessem vitórias significativas certamente estariam mais fortalecidos para o ano seguinte, que seria de intensa disputa. Cabe lembrar que em 1982, houve eleições diretas para governador, deputado estadual, deputado federal, senador, e também para vereador. No caso dos vereadores, o mandato era de seis anos de duração, de 1983 até 1988. Nas eleições de 1985, o mandato teria três anos de duração. Seria apenas para o cargo de prefeito, pois as eleições para as câmaras municipais já tinham ocorrido em 1982.

Em 1985, as maiores forças políticas do país eram o PDS e o PMDB, muito embora, como veremos adiante, o PDT estivesse se fortalecendo com a migração de diversos parlamentares do PMDB. Skidmore (1988, p. 63) observa que, nas eleições de 1982, a estratégia governamental de dividir a oposição através do pluripartidarismo obtivera êxito. Na Câmara dos Deputados, o PDS obtivera 235 cadeiras, contra 240 da oposição (entende-se por oposição os quatro partidos juntos: PMDB, PDT, PTB e PT) e no Senado, o PDS conquistou 46 cadeiras, contra 23 da oposição. E ainda, “a oposição ganhara o governo de nove dos

Estados mais populosos e industrializados, incluindo Estados-chave, como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná.” (SKIDMORE, 1988, p. 64) Em Santa Catarina, num pleito acirrado, o PDS venceu a eleição para o Governo do Estado com a candidatura de Esperidião Amin, derrotando Jaison Barreto, do PMDB, por pequena margem de votos.⁸

Neste sentido, em 1985, o que ficou expresso no resultado final da eleição para prefeito na cidade de Florianópolis foi justamente uma bipolarização entre estes dois partidos. O candidato do PMDB, Edson Andrino, venceu esta eleição para prefeito, com 54.592 votos. Em segundo, o candidato do PDS, Francisco de Assis Filho, com 40.631 votos. Em terceiro, o candidato do PFL, Enio Branco, com 8.920 votos, seguido por Jorge Lorenzetti do PT, com 3.805 votos. Finalizam a lista de candidatos, Wilson Rosalino, do PCB, com 2.920 votos e José Ortiga, do PTB, com 857 votos. Segundo afirma Carreirão,

a derrota de Assis deveu-se, em parte, ao fato do candidato não ter um passado político como o de Andrino (já com uma experiência grande na política); mas, em parte, foi reflexo do descontentamento de grande parte do eleitorado com a aliança entre Esperidião Amin e Jaison Barreto, que na eleição de 1982, para governador se comportaram como inimigos mortais, tendo Amin sido acusado de fraude eleitoral para alcançar a vitória naquela eleição. (2009, p. 39)

Cabe observar que o periódico *A Notícia* acompanhou passo a passo, dando larga cobertura, a articulação desta aliança. Para Yan Carreirão, a mesma fora um dos fatores decisivos para a derrota do candidato do PDS, Francisco de Assis, que contava com o apoio de nada menos que o governador do Estado, Esperidião Amin. No entanto, a representância deste acontecimento realizada pelo periódico continha certo ar de exaltação para esta união política. Desde meados de agosto, quando havia rumores de que Jaison Barreto deixaria o PMDB, até a oficialização da filiação de Barreto ao PDT, com a visita do governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, no dia 26 de outubro, foram diversas notas no periódico a respeito desta movimentação. No dia 13 de agosto, em matéria de primeira página, “Jaison Barreto

⁸ Esperidião Amin obteve 838.150 votos, contra 825.500 votos de Jaison Barreto. Chama atenção o fato de que nenhum outro candidato envolvido na disputa tenha acumulado sequer 10 mil votos. Em terceiro ficou Eurides Luiz Mescolotto, do PT, com 6.803 votos, seguido por Ligia Doutel de Andrade, do PDT, com 4.572 votos. Por último há o nome de Osmar Cunha, do PTB, com 2.281 votos. <<http://www.tre-sc.jus.br/site/eleicoes/eleicoes-antiores/1982-estadual-e-municipal/index.html>> Acesso em: 10 de março de 2014. Itamar Aguiar, em sua dissertação de mestrado, que posteriormente foi editada em livro, analisou a cobertura daquele pleito pelos meios de comunicação mais expressivos em Santa Catarina, e constatou que os mesmos possuíam profundas ligações com o PDS, direta ou indiretamente, e se posicionaram de maneira explícita a favor do candidato Esperidião Amin. Cf. AGUIAR, Itamar. **Violência e golpe eleitoral: Jaison e Amin na disputa pelo governo catarinense**. Blumenau: ed. da Furb, 1995.

admite rompimento da coalizão”, é colocado que o senador pelo PMDB não apoiaria nenhum nome do PDS na eleição caso não houvesse a aliança entre PDS e PDT.⁹ A aliança envolvendo os dois partidos foi formalizada como Aliança Social-Trabalhista, AST, ainda em agosto. O desenrolar do processo é acompanhado, com o senador Barreto, ainda que seu partido tivesse candidato próprio para a eleição municipal, declarando apoio a Francisco de Assis, do PDS. E o processo de desligamento do PMDB e sua filiação ao PDT fora representada nas páginas do periódico, em diversas oportunidades. No dia 27 de outubro, o destaque da primeira página do *A Notícia*, com fotografia, seguia o título: “Jaison, agora no PDT, condena o caciquismo”. A notícia, além de representar a mudança de partido de Jaison, continha também uma crítica ao PMDB, “emocionado, Jaison falou de sua frustração com o PMDB e de sua esperança de contribuir para a formação de novo quadro político, agora no PDT. ‘Ao deixar o PMDB, fugimos do despotismo esclarecido dos caciques que se apropriaram do partido e escapamos a seu sufocante e pervertido conceito de unidade’, disse Jaison”.¹⁰

Examinando as primeiras páginas do periódico, observou-se algo em torno de 14 enunciados a respeito da trajetória de Barreto neste processo eleitoral, sendo o destaque dado à ida de Barreto para o PDT. Na página 3, que cobre diariamente, neste contexto, as articulações políticas estaduais e municipais, encontram-se 20 referências, sendo aqui, boa parte delas, na parte alta da página, com título em evidência.¹¹

A partir dessas notícias a respeito de Jaison Barreto podemos perceber os contornos principais da cobertura desse processo eleitoral, ocorrido em 1985, na cidade de Florianópolis, nas páginas do *A Notícia*. Algumas questões chamam atenção. A primeira delas está relacionada à relação política entre Amin e Barreto, que em 1982, na eleição para governador do Estado de Santa Catarina – usando as palavras de Carreirão - eram “inimigos mortais”, e em 1985 se aliam para disputar a capital catarinense. Não foi encontrada, no periódico, ao longo dos meses de agosto a novembro de 1985, nenhuma linha a respeito desta, no mínimo, surpreendente aliança. Houve, por alguma razão, um esquecimento da relação entre estas duas figuras de proa na política catarinense, que agora usavam sua influência política a favor de um mesmo candidato.

Outro ponto relevante é o fato de, a partir da saída de Barreto, o periódico evidenciar, ao longo de todo o processo eleitoral, um clima de instabilidade dentro do PMDB. A maioria

⁹ *A Notícia*, 13 de agosto, p. 1.

¹⁰ *A Notícia*, 27 de outubro, p. 1.

¹¹ O periódico é publicado diariamente, com exceção das segundas-feiras.

das referências a Barreto, evidenciam este fato, assim como pudemos observar no dia em que o senador se filiou ao PDT, em manchete já citada neste texto.

É interessante observar a sutileza como o periódico representa o campo político ao longo deste período eleitoral. Às vezes de maneira sutil, outras nem tanto, o partido de Edson Andrino, PMDB, é apresentado como um agrupamento político repleto de fissuras. Estas fissuras são reforçadas nas páginas do periódico. De aproximadamente 38 referências ao PMDB, na página de política do periódico, algumas relacionadas ao PMDB estadual e outras ao PMDB de Florianópolis, no recorte temporal deste texto, 22 evidenciam de alguma forma um partido dividido, enfatizando membros que desejam sair do partido ou disputas internas. Ora trata da divisão causada pela escolha de Andrino, para concorrer à prefeitura, que derrotou internamente o grupo do dep. federal Nelson Wedekin, ora trata das divergências em âmbito estadual, entre o presidente regional do PMDB, Pedro Ivo Campos, e um grupo de deputados estaduais próximos a Jaison Barreto, como foi noticiado em 2 de agosto,

o presidente do PMDB em Santa Catarina, Pedro Ivo Campos, negou ontem que esteja passando pelos membros do diretório regional a ideia de punir ou expulsar companheiros de partidos, referindo-se ao senador Jaison Barreto e aos deputados estaduais Stélio Boabaid, Roland Dornbusch, Jorge Gonçalves da Silva e Dércio Knopp, que apóiam o governo de coalizão.¹²

Ou, como em matéria de primeira página do dia 29 de agosto, “apoio a Assis pelo PMDB não preocupa Andrino”, referindo-se ao fato de o subdiretório do PMDB do Estreito declarar apoio ao candidato do PSD, Francisco de Assis. Ou ainda, nesta mesma publicação do dia 29, na página sobre política, o destaque foi a notícia anunciada na primeira página, mas ainda houve outra referência à candidatura de Andrino, apontando justamente as divisões internas, com o título “dissidentes ameaçam não ajudar Andrino”, agora se referindo desta vez aos deputados estaduais e seu desentendimento com a direção estadual do partido. Ao lado desta notícia sobre as divisões internas do PMDB e suas consequências para a campanha de Edson Andrino, há outra notícia: “Jaison confirma apoio a Assis-Dias”, referindo-se a chapa do PSD-PDT, Francisco de Assis e Manoel Dias, que traz à tona um peemedebista que apóia a AST e que está apostando na vitória dos mesmos, “em sua opinião os candidatos a prefeito, deputado estadual Francisco de Assis Filho e a vice, Manoel Dias deverão vencer o pleito deste ano com alguma facilidade”.¹³ Ou seja, de uma maneira sutil o periódico fabrica

¹² A Notícia, 2 de agosto, p. 3.

¹³ A Notícia, 29 de agosto, p. 3.

imagens destes partidos. Um em crise, perdendo seus membros e, segundo sua narrativa deixa transparecer, deixando a candidatura para a prefeitura sem apoio, e outro partido fortalecido, recebendo cada vez mais adesões.

Foram encontradas na página política do periódico, entre agosto e o dia 15 de novembro, 14 notícias a respeito de adesões à candidatura de Assis, muitas delas próximas a notícias reiterando as dificuldades internas do PMDB, como o exemplo acima. Entre as adesões a Assis, temos desde parlamentares do PDS, o apoio de Brizola, até dissidentes e, ainda, parlamentares do próprio PMDB. No caso de Andrino, as adesões que o jornal veiculou foram a de alguns grupos que em agosto ameaçaram não apoiá-lo, como a Juventude do PMDB, e também o apoio de parlamentares do PMDB.

O clima de instabilidade presente ao PMDB, que é representado dia após dia, nas páginas do periódico está sistematizado no editorial do dia 10 de setembro, intitulado de maneira sugestiva como “A crise do PMDB”. O texto tem início ameno: “o Partido do Movimento Democrático Brasileiro” atravessa em Santa Catarina, como de resto em quase todo o país, uma nova crise em sua acidentada existência, ainda que coroada de mais êxito do que insucessos.” O editorial aborda a questão federal, o desgaste do poder alcançado no início daquele ano com a eleição de Sarney para a presidência, aborda a questão estadual, uma fase de “discussão interna” por conta das insatisfações com a condução da legenda pelo presidente regional, Pedro Ivo. Levanta a questão da saída de Jaison Barreto, que apóia oficialmente a candidatura do PDS e a insatisfação causada pela escolha de Andrino como candidato para a prefeitura. Seguem, na íntegra, os dois últimos parágrafos:

É portanto, um quadro de crise e de instabilidade o que o PMDB vive em Santa Catarina nos últimos meses, o que certamente deverá ter peso tanto nas eleições de 15 de novembro em Florianópolis, quanto nos demais 5 municípios catarinenses que escolherão os seus prefeitos na próxima eleição. Além, é claro, de sofrer as ingerências do desgaste do poder federal, especialmente agora quando se torna mais crítica e discutível a própria política de Sarney na área econômica e o impulso inflacionário. Assim, não são positivas as perspectivas do PMDB a nível catarinense, que somente conseguirá alguma estabilidade depois das eleições e consolidado o novo quadro partidário que se esboça a partir da reforma política que neste momento o Brasil atravessa, nesta fase de discussões pré-Constituinte.¹⁴

¹⁴ A Notícia, 10 de setembro, p. 2.

O periódico lança um horizonte de expectativas negativas sobre o PMDB. E os fatores que levam à crise, sobretudo em âmbito estadual e municipal são reforçados na página sobre política do periódico dia após dia, durante toda a campanha eleitoral.

Quanto ao PDS, nenhuma notícia que evidencie brigas internas, ou qualquer instabilidade no partido. Antes o contrário. Qualquer acusação ao partido era respondida prontamente pelo governador do Estado, Esperidião Amin, que ao longo da campanha teve largos espaços nas páginas do mesmo para se posicionar, por exemplo, ante o governo federal, com relação à política catarinense, e, sobretudo, com relação às eleições municipais daquele ano. Sua adesão à campanha está colocada em todo o período, tendo sido reforçada nas quatro últimas semanas, onde o governador tem destaque na página sobre política do periódico, comentando pesquisas de opinião e reforçando a vitória de Assis com tranquilidade, como, por exemplo, no dia 15 de outubro, cuja matéria de destaque na primeira página do periódico é “AST agora vai em busca dos votos indecisos”, que diz,

ao comentar ontem os resultados da pesquisa Gallup, que dão a preferência do eleitorado da Capital pela candidatura de Francisco de Assis (PDS) e Manoel Dias (PDT), o governador Esperidião Amin disse que os dados refletem uma tendência do crescimento da campanha da AST (Aliança Social Trabalhista). Mas fez uma advertência: “o pleito ainda não está definido.” Amin disse que há uma estratégia montada para conquistar a preferência dos 14 por cento dos indecisos apontados pela pesquisa. Ainda hoje à noite, em Florianópolis, cerca de 150 políticos (deputados, ex-deputados federais e estaduais) do PDS estarão reunidos em um restaurante para anunciar dedicação total à campanha da AST. O deputado Édson Andrino, do PMDB, apontado como o segundo na ordem de preferência dos votantes da capital, segundo a pesquisa Gallup, diz que não está preocupado com o resultado da consulta. “Temos a preferência do povo e vamos ganhar”, resumiu Andrino. Já o candidato da Frente Liberal, Ênio Branco (terceiro na pesquisa Gallup), diz que os resultados tendem a mudar, à medida que as eleições se aproximam. “Já no mês de outubro o resultado deve ser outro” arrisca Ênio Branco.¹⁵

No dia 17 de outubro, outra notícia dando destaque a Amin na página política, com título “Amin fala em vitória com grande diferença”, e no texto enfatiza: “Amin disse também que vai envidar todos os esforços, juntamente com os demais integrantes da AST, para que a vitória de Assis e Dias seja com mais de 50 por cento dos votos”¹⁶. O periódico exibiu algumas pesquisas de opinião, todas colocando Assis na frente de Andrino. Aqui, Amin deseja não apenas a vitória de seu candidato, mas uma vitória com mais da metade dos votos

¹⁵ A Notícia, 15 de outubro, p. 1.

¹⁶ A Notícia, 17 de outubro, p. 3.

válidos. É interessante observar que Esperidião Amin aparece em 31 textos, dispersos na página de política do periódico *A Notícia* ao longo dos três meses examinados, sendo que grande parte destes textos possuem destaque no referido espaço do jornal, no alto da página e com título com letras maiores, e também evidenciando seu apoio a candidatura de Francisco de Assis. E por dez vezes na primeira página do periódico há alguma opinião de Amin relacionada, direta ou indiretamente, ao pleito municipal. Sem contar as notícias relacionadas a outras temáticas. Com relação ao PMDB, sem falar na candidatura de Édson Andrino, observamos três notícias na primeira página do periódico, neste período de análise, ligadas ao pleito municipal. Para a AST, sem se referir diretamente ao Assis, oito notícias de primeira página. Do destaque dado a Amin, AST, Jaison Barreto e Assis na primeira página do periódico, Andrino e o PMDB passaram longe. Por exemplo, no dia 16 de outubro, o destaque da primeira página, com foto e notícia, é “Ação parlamentar formaliza apoio a Francisco Assis”, o mesmo destaque observamos na página sobre política. Esse foi o destaque do periódico naquele dia, para todo o Estado de Santa Catarina.

Com relação aos candidatos, Assis e Andrino, percebemos também uma desproporção na cobertura das campanhas. Percebemos algo em torno de 60 textos, diretamente ligados a campanha de Francisco de Assis, com uma única crítica feita por Jorge Bornhausen, do PFL, logo que seu nome foi escolhido para ser o candidato do PDS. Os demais enfatizavam suas características pessoais, o fato de ser engenheiro, de ser comprometido com a cidade, e também sua campanha “Assis quer ouvir você”, uma forma de dialogar com as comunidades da ilha. Em diversas oportunidades, o jornal noticiou Francisco de Assis indo a diversos bairros, procurando dialogar com o povo, em sua campanha para detectar as carências de cada bairro, elencadas pelo periódico como pontos de ação para a prefeitura, na futura gestão do candidato do governador.

No dia 3 de novembro, lemos que “desinteligência faz Andrino cair, diz Uliano”. Uliano é mais um ex-peemedebista, filiado ao PDT. No texto, ele diz que “O candidato Édson Andrino praticou vários erros marcantes, várias desinteligências, que são fruto do isolamento em que esse candidato se encontra hoje”. Uliano ainda critica o PMDB nacional, por praticar “várias traições as bandeiras sociais que levantou”.¹⁷ Já no dia 12 de novembro, três dias antes da eleição, a primeira página dava amplo destaque ao comício que a AST havia realizado na capital, com a participação de 8 mil pessoas. No dia seguinte, foi a vez do comício do PMDB, sem destaque, com uma foto menor, na parte inferior da primeira página, e sem

¹⁷ A Notícia, 3 de novembro, p. 3.

quantificar os presentes, não dando a dimensão de força que dera na edição anterior pro comício da AST. No dia 14 de novembro, véspera da eleição, mais uma notícia exaltando o candidato da AST: “Filomeno diz que Assis é forte porque é sério”¹⁸, em um texto onde a voz é dada ao presidente municipal do PDS e ao presidente da juventude socialista, do PDT, Valmir dos Santos Filho, onde percebemos uma valorização da campanha da AST, e um desejo de levar essa aliança a nível nacional.

Textos no periódico se referindo a Édson Andrino foram 32. E, enquanto o periódico mostrava um PMDB em crise, perdendo membros para o PDT, trazia uma série de notícias dispersas ao longo do período eleitoral a respeito da adesão de diversas personalidades políticas à campanha de Francisco de Assis. Se pensarmos os 60 textos sobre a campanha de Assis, mais os do governador Esperidião Amin, em maioria dando apoio a Assis, mais sobre o PDS, sobre a AST, e, inclusive sobre a juventude do PDS, a JDC (que inclusive tem mais textos a respeito que a campanha do PTB!) e também os textos relacionados ao senador Jaison Barreto, todos, na maioria das vezes, direta ou indiretamente, apoiando a campanha de Francisco de Assis, concluímos que neste periódico a campanha da AST teve mais espaço que todos os outros juntos.

O objetivo deste artigo não é sugerir que as informações a respeito do PMDB, veiculadas no periódico, por exemplo, sejam falsas. Antes o contrário. No entanto, um questionamento razoável para se fazer é a respeito das seleções que o periódico faz do que se tornará notícia. O leitor do *A Notícia*, pouco soube a respeito das ideias de Édson Andrino e de outros candidatos a respeito da cidade de Florianópolis. Mas, da campanha da AST foi relativamente bem informado. Sabem os bairros por onde os candidatos do PDS e PDT passaram, sabem que eles buscaram diálogo com as comunidades, sabem que eles buscaram levantar informações a respeito dos pontos frágeis do município, ouvindo os cidadãos, etc. Por que, por exemplo, no dia 3 de setembro, um leitor se depararia, na página sobre política, com o seguinte título “Manoel de Souza fala que Andrino ‘é um desonesto’”. Manoel de Souza, suplente de deputado federal das eleições de 1982, através dessa notícia relembra da dobradinha que fizera com o então candidato a deputado estadual Édson Andrino e o acusa de se beneficiar em questões financeiras relacionadas à campanha. E diz a notícia que,

Manoel de Souza disse que por isso não poderia, de forma alguma, apoiar Andrino para prefeito. “Isso, além da traição. Até as propagandas que eu fazia pagando com meu dinheiro, ele mandava um vereador riscar o meu

¹⁸ A Notícia, 14 de novembro, p. 3.

nome e colocar, com carimbo, em cima, o nome do deputado Nelson Wedekin. Quer dizer, os companheiros do interior do estado têm que entender que se ele trabalhou contra mim, me traindo, eu não poderia trabalhar a favor desta candidatura.”¹⁹

A grande questão relacionada às eleições de 1982 foi completamente esquecida, pelo periódico, e diz respeito à relação entre Esperidião Amin e Jaison Barreto. Afinal, este político que em 1982 fora prejudicado por uma mídia envolvida com o governo do Estado e com o PDS, agora acenava com uma mudança de lado, se aproximando de seu antigo oponente. Mas, por outro lado, para denegrir a imagem do então candidato do PMDB à prefeitura, o periódico deu voz às lembranças de 1982, para um suplente de deputado federal. Ou ainda, no debate sobre desemprego que contou com a presença de todas as candidaturas, cuja notícia a respeito fora veiculada no dia 25 de outubro, simplesmente não deu voz ao candidato do PMDB. Na notícia havia o pensamento de todos os candidatos, sobre o tema do desemprego, menos o ponto de vista do candidato Andrino, que a mesma notícia afirmou que estava presente no debate.

É interessante refletirmos acerca da imagem dos candidatos produzida pelo jornal. Enquanto Andrino aparece no meio de um fogo cruzado, entre ofensas e mesmo sem saber se seus companheiros de partido irão apoiá-lo, Assis, o engenheiro, surge como capaz de resolver os problemas da cidade, sobretudo nos dizeres de seu correligionário e governador do Estado, Esperidião Amin. Carreirão pensa diferente: “é neste contexto que se dá a aliança entre Jaison e Amin em torno da candidatura de Francisco de Assis Filho (do PDS), chefe da Casa Civil do governador Amin, com pouca experiência política até ali.” (2009, p. 37) Este autor, além de observar a aliança Amin-Barreto como uma das causas da derrota de Assis, observa que Andrino já possuía um passado político. Possuía grande experiência política.

A partir do dia 12 de setembro, o periódico começou apresentar pesquisas de opinião. Nesta primeira, Assis estava um ponto percentual à frente de Andrino. Nas seguintes, a diferença aumentou, chegando a 14%, no período em que o governador desejava vencer as eleições com mais de 50% dos votos. Somente no dia 16 de novembro, ou seja, um dia após as eleições, quando aconteceria a apuração dos votos, o periódico *A Notícia* traz em sua primeira página o seguinte anúncio: “Gallup: Assis e Andrino tem as mesmas chances.” No entanto, Andrino vence o pleito, mesmo estando atrás nas pesquisas, cuja desvantagem até o dia 15 só aumentou. No mínimo, o periódico sabia da polarização entre os dois candidatos.

¹⁹ A Notícia, 3 de setembro, p. 3.

Sabia-se quais eram os nomes mais fortes na disputa. Carreirão cita um excerto do sociólogo Eduardo Viola, sobre esta eleição, no qual ele diz que,

[...] a vitória de Andrino deu-se em todos os bairros da cidade, independentemente do nível de renda de seus moradores. Assis somente conseguiu ganhar em alguns vilarejos rurais [...] Há fortes indicadores de que significativos contingentes de eleitores do PT e do PCB resolveram na última hora votar em Andrino, pressionados pelo clima de empate e a conseqüente síndrome do voto útil.(2009, p.38)

Andrino era um candidato forte. Foi o segundo deputado estadual mais votado de Santa Catarina, nas eleições de 1982, enquanto Assis fora o quinto.²⁰

No periódico em sua representância dos partidos e dos candidatos, observamos raras menções ao candidato do Partido dos Trabalhadores, Lorenzetti, assim como ao do PTB, Ortiga. Quanto aos candidatos do PFL, Enio Branco e Cesar Souza, das poucas referências, boa parte eram acusações de Cesar ao governo Estadual, e amplos espaços de resposta para Amin com ênfase em notícias que veiculassem questões judiciais contra aquele. Se o critério para selecionar as notícias fosse o interesse dos leitores, seria necessário observar, no mínimo, os candidatos com maiores índices nas pesquisas, isso no que tange ao espaço para cada candidatura nas páginas do periódico. Como pudemos observar, o critério não foi este. Houve uma intervenção do periódico, na maneira como o acontecimento eleições fora construído, através de suas páginas, onde a campanha da Aliança Social Trabalhista assumia um papel de protagonista, naquele pleito.

Observou-se, também, que além do quantitativo, ou seja, do número de notícias para cada uma das campanhas eleitorais, o periódico, de maneira engenhosa, operou de forma contundente no qualitativo das notícias. Dessa forma, positivando a candidatura de Francisco de Assis, mantendo-a distante de brigas e ofensas, e, no mínimo, colocando uma atmosfera de dúvida sobre a candidatura de Andrino, referindo-se ao PMDB como um partido problemático.

²⁰ Ver lista completa dos deputados estaduais eleitos em 1982 em: <<http://www.tre-sc.jus.br/site/eleicoes/eleicoes-antiores/1982-estadual-e-municipal/index.html>> Acesso em 12 de março de 2014.

Fontes

O periódico *A Notícia*, no período de agosto a novembro de 1985. Todos os exemplares consultados estão disponíveis pra consulta na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Referências

BARBOSA, Marialva. Senhores da memória. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 84 – 101, jul/dez de 1995. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1259/1212> Acesso em: 14 de março de 2014.

CARREIRÃO, Yan de Souza. As eleições para prefeito em Florianópolis: contribuição para uma história eleitoral. **Perspectivas**. São Paulo. v. 35, jan./jun. de 2009. p. 35-62. Disponível em: < <http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/2287>> Acesso em: 3 de março de 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In: RÉMOND, René (Org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2003, p. 5-8.

LAMOUNIER, Bolivar. O “Brasil autoritário” revisitado: o impacto das eleições sobre a abertura. In: STEPAN, Alfred. **Democratizando o Brasil**. Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 1988, p. 83-134.

MENESES, Sônia. **A operação midiográfica: A produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação – A Folha de São Paulo e o Golpe de 1964**. Niterói, 2011. p. 319. Tese (doutorado). Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História.

RÉMOND, René. Por uma história presente. In: _____ (Org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2003, cap. 1, p. 13-36.

STEPAN, Alfred. Introdução. In: _____ (Org). **Democratizando o Brasil**. Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 1988, p. 9-24.

SKIDMORE, Thomas. A lenta via brasileira para a democratização: 1974-1985. In: STEPAN, Alfred (Org). **Democratizando o Brasil**. Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 1988, p. 27-81.